

FOOTGOLF ADAPTADO: O SURGIMENTO DE UMA NOVA MODALIDADE

ADAPTED FOOTGOLF: THE EMERGENCE OF A NEW SPORT

Rafael Estevam Reis
Vinicius Bernardo Stdrezk
Paulo Roberto Moreira

*Universidade Federal do Paraná
Footgolf Campo Largo
Unicesumar*

Resumo

O objetivo central deste estudo é o de analisar a adaptação da modalidade footgolf para pessoas com deficiência. O trabalho se dividiu em dois momentos. Inicialmente focou conceitualmente o Footgolf e o movimento do Esporte Adaptado. Num segundo momento, concentramos nossos esforços em apresentar as classes criadas para o processo de adaptação da modalidade Footgolf, explicando passo a passo o processo e detalhando as características de cada um desses grupos e de suas deficiências. Para isso, foi elaborado um quadro demonstrativo detalhado. Optou-se por criar cinco classes funcionais, abrangendo todas as deficiências existentes (deficiência física, visual, intelectual e auditiva), sendo que cada classe refere-se a um grupo de deficiência e suas especificidades. O processo de adaptação de uma modalidade para pessoas com deficiência é complexo e demorado, no sentido de padronizar suas regras em vários países e continentes. Por fim, ao criar essa modalidade, a Associação Brasileira de Footgolf não teve a pretensão de definir as regras e as classes de forma definitiva, esse é o momento de organizar eventos esportivos (torneios e campeonatos) para que o Footgolf Adaptado seja cada vez mais jogado, analisado, e aperfeiçoado; para que continue se desenvolvendo e buscando o alinhamento necessário para que a prática esportiva seja cada vez mais adequada.

Palavras-chave: Atividade Motora Adaptada. Footgolf Adaptado. Esporte Paralímpico.

Abstract

The main objective of this study is to analyze the adaptation of the footgolf modality for people with disabilities. The work was divided into two moments, initially it needed to focus on conceptually presenting Footgolf and the Adapted Sport movement. In a second step, we focus our efforts on presenting the classes created for the process of adapting the Footgolf modality, explaining the process step by step and detailing the characteristics of each of these groups and their deficiencies. For this purpose, a demonstrative table was created, later unraveled. It was decided to create five functional classes, covering all existing disabilities (physical, visual, intellectual and hearing impairment) where each class refers to a group of disabilities and their specificities. The process of adapting a modality for people with disabilities is complex and time-consuming, in the sense of standardizing its rules in several countries and continents. Finally, when creating this modality, the Brazilian Footgolf Association did not intend to define the rules and classes definitively, this is the moment to organize sporting events (tournaments and championships) where Adapted Footgolf is increasingly played, analyzed, and perfected, so that it continues to develop and seek the necessary alignment so that the sport practice is more and more adequate.

Keywords: Adapted Motor Activity. Footgolf Adapted. Paralympic Sport.

1 Introdução

Cada vez mais, a pessoa com deficiência vem buscando uma participação mais ativa dentro de nossa sociedade. Seja na luta por seus direitos, seu espaço no mercado de trabalho, na busca por momentos de lazer, e porque não, na prática esportiva, no âmbito recreacional e até mesmo profissional. O esporte também tem um impacto importante na vida dessas pessoas em dois fatores, reabilitação e socialização, e, nesse contexto, uma nova modalidade pode contribuir com esse público: o Footgolf.

O Footgolf é um esporte criado no ano de 2009, na Holanda, e seu criador foi um jogador de futebol aposentado chamado Michael Jansen. Jansen fez a junção de dois esportes que gostava, o golfe e o futebol. Logo, o esporte se tornou conhecido em diversos países na Europa, Ásia, América do Sul, entre outros (BRITO; MAGALHÃES; SANTOS, 2013). O esporte começou sendo praticado em espaços de lazer, como parques e praças, mas logo migrou para campos de Golfe, tendo todos os obstáculos possíveis, como lagos, árvores e *bankers* (GARDENE, 2017).

Hoje o esporte está presente em mais de 37 países ao redor do mundo. A Federação Internacional de Footgolf (FIGF) é a responsável por regular a modalidade e já realizou três Campeonatos Mundiais: em 2012, na Hungria; em 2016, na Argentina; e, em 2018, quando passou a ser bianual, no Marrocos. O esporte tem tudo para continuar se desenvolvendo, pois, além de ter uma boa organização mundial e competições de alto nível, o footgolf é um esporte que todos podem praticar. Pensando nisso, surgiu a oportunidade de adaptar a modalidade para pessoas com deficiência. Porém, alguns elementos importantes precisam ser compreendidos.

O esporte praticado por pessoas com deficiência recebem vários nomes, porém, os mais utilizados atualmente são: Esporte Adaptado e Esporte paralímpico. Ambos são destinados para os mais diversos grupos de deficiência (física, visual, intelectual e auditiva) e apresentam uma série de modalidades (WINNICK, 1990; ARAÚJO, 1997; SHERRILL, 2004). A maioria dos esportes são adaptações de modalidades já conhecidas, como o futebol, basquete, atletismo e natação, e para que todos possam participar e competir, existe um processo importante chamado de Classificação Funcional (WINCKLER; MELLO, 2012; REIS, 2014).

No esporte convencional, existem critérios de classificação que visam aproximar os atletas segundo a sua condição biológica, como é o caso das categorias por idade e por gênero. No esporte adaptado, todas as modalidades fazem uso de um sistema de classificação, desenvolvido especificamente para a modalidade esportiva em questão. A classificação tem como principal objetivo organizar os atletas em classes para que possam competir em condições de igualdade funcional, tornando as competições mais justas, permitindo que atletas com maiores comprometimentos tenham oportunidade de participar de competições, simultaneamente com atletas com um menor grau de comprometimento (CARDOSO; GAYA, 2014; NOGUEIRA, 2018).

O objetivo central deste estudo é o de analisar a adaptação da modalidade Footgolf para pessoas com deficiência, realizada pela Associação Brasileira de Footgolf. Para isso, alguns objetivos específicos foram traçados, como compreender o processo de classificação funcional das modalidades paralímpicas e paradesportivas, conhecer as principais características acerca do Footgolf e descrever todos os detalhes que envolvem cada classe funcional do Footgolf Adaptado, como regras, tipos de deficiência e outras especificidades.

2 Método

Esse trabalho se configura como pesquisa qualitativa, uma vez que esse tipo de trabalho consegue analisar a complexidade de problema determinado, através da interação de variáveis, vividos por grupos sociais resultantes de seus processos dinâmicos (GIL, 2008).

O trabalho se dividiu em dois momentos, inicialmente precisou se focar em apresentar conceitualmente o Footgolf e o movimento do Esporte Adaptado. O Footgolf por ser a modalidade que foi adaptada, trazendo uma breve introdução acerca de suas características e regras e, na sequência, compreender o universo do esporte para pessoas com deficiência e, principalmente, o processo de classificação funcional.

Num segundo momento, concentramos nossos esforços em analisar as classes criadas no processo de adaptação da modalidade Footgolf, explicando passo a passo as características de cada um desses grupos e de suas deficiências. Para isso, foi criado um quadro demonstrativo posteriormente detalhado.

3 Resultados e Discussão

3.1 Footgolf: conhecendo esse novo esporte

O Footgolf foi criado na Holanda em 1999 e atualmente é praticado em mais de 30 países ao redor do mundo. Em 2012, o esporte teve sua primeira Copa do mundo, principal competição da modalidade, realizada na Hungria, e, assim, começou a se espalhar rapidamente pelo mundo (BRITO; MAGALHÃES; SANTOS, 2013). A segunda Copa do Mundo foi sediada na Argentina, em janeiro de 2016, e contou com 230 jogadores de 26 países, incluindo o Brasil. Em 2018, a terceira edição da competição foi realizada no Marrocos, com ainda mais participantes e com a estreia da categoria feminino e Sênior (FIG, 2019).

No Brasil, o Footgolf teve início no ano de 2015, com a realização do primeiro evento no Japeri Golfe, campo situado no estado do Rio de Janeiro. Em janeiro de 2016, uma delegação composta por sete integrantes esteve participando da Copa do Mundo

em Buenos Aires, na Argentina. Neste mesmo ano, foram realizados quatro eventos em Foz do Iguaçu, no campo Iguassu Falls Golf Club do Wish Resort, culminando com a 1ª Copa Brasil, com 35 participantes dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná (ABFG, 2019).

No Brasil, a Associação Brasileira de Footgolf (ABFG) é a entidade responsável por desenvolver o esporte, promovendo campeonatos e organizando as seleções nacionais e está filiada à Federação Internacional de Footgolf (FIFG), organização máxima do esporte em escala mundial. Desde 2016, acontecem várias competições nacionais ao longo do ano, além de eventos regionais onde o Footgolf é praticado, como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, onde fica a atual sede da Associação Nacional, na cidade de Foz do Iguaçu, e tem o principal polo na cidade de Campo Largo, Região Metropolitana de Curitiba, com a maior quantidade de praticantes no Brasil (ABFG, 2019).

Segundo Brito, Magalhães e Santos, (2013), o Footgolf apresenta-se como uma proposta de jogar futebol, num campo de golfe de acordo com as regras do mesmo, porém, chutando uma a bola oficial de futebol. A saída se dá sempre a partir do *tee*, que é o espaço preestabelecido entre dois pontos onde os jogadores deverão depositar suas bolas para dar o chute inicial. Cada jogador deverá chutar sua bola e o objetivo final é fazer com a bola caia nos buracos com a menor quantidade de chutes possível. Os buracos medem 53 cm de diâmetro. O Campo pode ter um percurso com nove ou 18 buracos, caso seja um campo de nove buracos, os jogadores deverão dar duas voltas para completar um percurso (FIFG, 2019).

Uma das características mais peculiares do footgolf, apresentada por Brito, Magalhães e Santos (2013), está relacionada à competição, pois, na ausência da supervisão de árbitros, prevalece a honestidade dos jogadores e o respeito pelas regras, o que revela a cortesia em todos os momentos do jogo. As vestimentas para a modalidade são fundamentais, o uniforme de jogo deve contar de uma camisa pólo, bermudas ou calções que tenham bolso e espoo para passagem de cintos, meiões esportivos, chuteiras sem travas altas e, caso queira, bonés ou gorros (FIFG, 2019).

Enquanto um jogador estiver jogando um buraco, deve chutar a bola tal como ela parou. Não é permitido tocar ou reposicionar a bola, exceto quando ela pode vir a interferir na jogada de outra pessoa, por isso, o uso do Marcado. Só no *green* é que os jogadores podem levantar e recolher a bola sem que lhe seja solicitado (AAFG, 2020).

Antes da competição, cada jogador deve obter o *scorecard*¹ junto da organização e estabelecer o cruzamento dos resultados com o jogador que compete diretamente.

1 Cartão onde são anotados as quantidades de chutes dados de todos os jogadores do grupo em que estão jogando (FIFG, 2019).

Sempre o jogador mais afastado do buraco é o primeiro a chutar, caso existam obstáculos ou resíduos móveis (ramos, folhas, pedras entre outros objetos) podem ser retirados (BRITO; MAGALHÃES; SANTOS, 2013).

3.2 Conceitos e definições do esporte para pessoas com deficiência

O universo do esporte para pessoas com deficiência nos apresenta uma gama de especificidades e peculiaridades que muitos desconhecem. Quando se trata desse nicho em específico, algumas nomenclaturas, bem como suas respectivas definições, devem ser compreendidas. Esporte Adaptado, Atividade Adaptada, Esporte Paralímpico ou simplesmente esporte para pessoas com deficiência são algumas, e, provavelmente, as principais formas de identificar esse fenômeno. Embora parecidas, essas formas não têm o mesmo significado (REIS, 2014).

Podemos compreender atividade adaptada como a adaptação dos meios para alcançar o objetivo planejado, quando não se pode utilizar dos meios convencionais previamente estabelecidos como corretos (ARAÚJO, 2011). Essa definição, todavia, não se concentra apenas em atividades esportivas voltadas para deficientes, uma vez que podemos adaptar atividades e ações para, por exemplo, grupos de pessoas de diferentes idades e gêneros.

Outra categorização é o Esporte Adaptado, que podemos compreender como sendo a prática esportiva praticada por pessoas com deficiência, através da adaptação de um esporte já de conhecimento popular, modificando ou adequando suas regras para atender as necessidades específicas de um grupo ou indivíduo, podendo integrar pessoas com e sem deficiência. (WINNICK, 1990; ARAÚJO, 1997; SHERRILL, 2004).

Um exemplo é o futebol, esporte popular no mundo com suas regras padronizadas e difundidas por boa parte da população (REIS, 2014). Porém, é o esporte mais adaptado no mundo, sendo praticado por deficientes visuais, físicos, intelectuais e auditivos, resumindo, a modalidade em questão mantém a sua essência, mas adaptam-se algumas regras para possibilitar a pessoas com deficiência a prática esportiva (REIS; MEZZADRI, 2017).

Por fim, temos o Esporte Paralímpico, que se caracteriza por se referir à prática de uma das vinte e duas modalidades de verão e cinco de inverno que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos de verão e de Inverno, que acontecem a cada quatro anos (WINCKLER; MELLO, 2012; REIS, 2014). Portanto, podemos entender que toda modalidade paralímpica é, em sua essência, um Esporte Adaptado, todavia, nem todo Esporte Adaptado se configura como uma modalidade Paralímpica.

3.3 Classificação no esporte para pessoas com deficiência

A classificação funcional no Esporte Adaptado ou Paralímpico é uma ação fundamental, pois é através dela que o esporte pode ser praticado de forma justa. A classificação tem como objetivo assegurar a legítima participação de atletas com deficiências, independente da natureza e o grau da deficiência, assim a classificação utilizada no esporte paralímpico constitui-se em um nivelamento entre os aspectos da capacidade física e competitiva, colocando as deficiências semelhantes em um grupo determinado (CARDOSO; GAYA, 2014).

Cada modalidade apresenta um sistema de classificação funcional específico, que se baseia em habilidades funcionais relacionadas e utilizadas no desempenho básico de determinada modalidade, independente do nível de habilidade ou treinamento do atleta. Sendo dividida em dois momentos, a classificação médica (com base em diagnósticos de especialistas da área da Saúde) e a funcional, que se baseia em como a deficiência se relaciona com o desempenho esportivo (MARQUES, 2012; CARDOSO; GAYA, 2014).

A equipe de classificação funcional é, normalmente, composta por três profissionais da área de saúde: médico, fisioterapeuta e professor de Educação Física, cada um com sua função e expertise dentro do processo, e realizada em três estágios: médico, funcional e técnico. Para se tornar um classificador em determinadas esporte, é necessário passar por uma série de capacitações, que vão desde cursos específicos a estágios em campeonatos (MARQUES, 2012; CARDOSO; GAYA, 2014; ROJO, 2017).

Na Paralisia Cerebral, a classificação depende do grau de espasticidade e de coordenação de cada atleta. Para os atletas amputados, existem nove classes funcionais e dois tipos de classificação: uma de acordo com a altura da amputação e outra conforme o comprimento do membro amputado, levando em consideração o esporte que o atleta vai competir (CARDOSO; GAYA, 2014).

Na Deficiência Visual, a classificação é determinada de acordo com os parâmetros funcionais da acuidade visual e do campo visual, e são classificados em: B1 - Cegueira Total, incapacitando o reconhecimento de objetos ou contornos; B2 – Limitação no campo visual em 5° ou acuidade visual de 2/60; B3 - Limitação no campo visual entre 5° e 60° ou acuidade visual entre 2/60 a 6/60. O esporte para pessoas com deficiência intelectual, por sua vez, os atletas são obrigados a passarem por uma bateria de exames psicológicos que aferem e comprovam a deficiência; nas competições, competem todos em uma classe única (CARDOSO; GAYA, 2014; REIS; MACEDO; MOREIRA, 2020).

3.4 Footgolf adaptado

Para adaptar uma modalidade para um público deficiente, é importante criar as classes funcionais para tornar o esporte mais justo, como vimos na seção anterior. Além das classes, no caso do Footgolf, também foi preciso adaptar algumas regras específicas para essas classes. Antes de continuarmos falando na adaptação do Footgolf, vale ressaltar que o Golfe também apresenta sua modalidade voltada ao público deficiente.

O Golfe olímpico ou convencional, modalidade que serviu de inspiração para o surgimento do Footgolf, também apresenta adaptações para pessoas com deficiência, conhecido como Golfe Adaptado. Esse esporte é praticado em todo o mundo, porém, ainda não faz parte do quadro de modalidades dos jogos paraolímpicos, pois precisa continuar se desenvolvendo para adquirir mais visibilidade em mais países e por todos os continentes (REIS, 2016).

No Brasil, mais especificamente no Paraná, surgiu uma adaptação do Golfe pensado para pessoas que apresentem algum comprometimento intelectual. Enquanto o Golfe tradicional é jogado em um campo com 18 buracos, sem distância padrão entre cada um deles, o campo do Golf-7 contém sete buracos com medidas de sete metros entre eles, por isso o nome da modalidade. Os jogadores competem em duas modalidades: a de adaptação, em que vence o primeiro a embocar a bola; e por tacada, quando o vencedor é aquele que executa menos tacadas até embocar a bola mais próximo ao Golfe convencional (VIEIRA JUNIOR *et al.*, 2015).

A idealizadora da adaptação, a professora Fátima Alves da Cruz, acredita que a modalidade foi criada com o objetivo de atender inicialmente aos alunos que apresentavam Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD) e Deficiência Intelectual (DI). Com o desenvolvimento da modalidade, a Federação Paranaense de Golf, vendo os benefícios desse esporte, tornou-se parceira da ideia, contribuindo com materiais para a prática do Golf-7 (VIEIRA JUNIOR *et al.*, 2015).

Internacionalmente, o Golfe Adaptado segue outras premissas, muito mais próxima ao Golfe convencional ou Olímpico. No restante do Brasil, também se segue os parâmetros internacionais, embora o esporte seja embrionário no país, com poucas pessoas praticando e competindo. No Brasil, basicamente as competições acontecem por equipe, que são compostas por um cadeirante, um profissional e três golfistas caminhanes. A modalidade será o “scramble adaptado”, e o cadeirante dará a tacada inicial em todos os buracos, além das tacadas no *green*. Os demais golfistas ajudarão nas tacadas intermediárias. (CBG, 2019)

O Golfe adaptado se subdivide em quatro categorias: 1- cegos totais; 2- amputados; 3- usuários de cadeiras de rodas (normal ou motorizada); e, 4- deficientes intelectuais. Recentemente criaram outra possível categoria para outras deficiências

que não se enquadram em nenhuma das anteriores. As Regras modificadas permitem que um jogador com deficiência jogue de maneira justa com jogadores que não têm deficiência, a mesma deficiência ou diferentes tipos de deficiência. Essas regras somente se aplicam se adotadas pelo Comitê responsável por uma competição. Elas não se aplicam automaticamente a todas as competições que envolvam jogadores com deficiência (USDGA, 2020).

Voltando ao Footgolf Adaptado, é comum atrelar as classes funcionais, como sufixo, algumas letras que fazem relação com a modalidade. No caso da natação paralímpica, antes da numeração, temos a letra “S” precedendo a classe (S1, S2, S3, assim por diante), o “S” é a primeira letra da palavra *Swimming*, traduzido do inglês, Natação. Isso se repete com outras modalidades, como, por exemplo, a Bocha paralímpica, que recebe a sigla “BC” antes da numeração referente as classes, essa sigla refere-se as letras da palavra *Boccia*, como a modalidade é conhecida ao redor do mundo (REIS, 2014).

Algumas modalidades paralímpicas são exclusivas para um grupo específico de deficiência. Temos como exemplo o judô, modalidade onde apenas pessoas com deficiência visual podem participar, e o basquetebol em cadeira de rodas, modalidade exclusiva para pessoas que apresentem algum comprometimento físico, como má formação, amputação ou paraplegia (REIS, 2014).

Existem também, modalidades paradesportivas que são mais abrangentes nesse aspecto, que permitem mais de um tipo de deficiência, um bom exemplo é o Atletismo paralímpico, onde pessoas com vários tipos de deficiência física, vários graus de deficiência visual e atletas com deficiência intelectual possam competir, sempre, cada um em sua própria classe para manter a modalidade em alto nível e as competições de forma justa (REIS, 2014).

Pensando nisso, e principalmente nas possibilidades que a modalidade oferece para prática, no sentido de manter a essência do esporte, adotou-se a sigla “FG”, referindo-se a palavra “Footgolf”, antes da numeração da classe funcional. Levando esses elementos em consideração, optou-se por criar cinco classes funcionais, abrangendo todas as deficiências existentes (Deficiência física, visual, intelectual e auditiva), como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 1 - Classes funcionais do Footgolf Adaptado

CLASSES	DEFICIÊNCIA	ESPECIFICIDADE
FG1	Visual	Baixa visão
FG2	Física	Amputação
FG3	Física	Paralisia Cerebral
FG4	Intelectual	Todos
FG5	Auditiva	Todos

Fonte: elaboração própria

Cada classe refere-se a um grupo de deficiência e suas especificidades. Dentro da classe dos deficientes visuais, permitindo a participação de pessoas que apresentem uma baixa visão, que perante a lei também são considerados deficientes visuais. Duas classes destinadas à deficiência física, para amputados e paralisados cerebrais. Uma classe para deficiência intelectual e uma para deficientes auditivos. A seguir, serão mais bem explicadas as características acerca de cada uma das classes.

Classe FG1 - Deficiência Visual

Essa classe é destinada a atletas com deficiência visual, mais especificamente aos jogadores com baixa visão. A deficiência visual se divide entre o cego total, quando a pessoa não enxerga nada, e a baixa visão, são pessoas que apresentam uma acuidade visual que varia entre 3/60 e 6/18 no olho com melhor capacidade e com o uso de correção oftalmológica (REIS; MACEDO; MOREIRA, 2020).

Podemos considerar, como exemplo, a futebol para deficientes visuais para balizar nosso critério de criação dessa classe. Existem duas variações dessa modalidade, o Futebol de 5, modalidade para cegos totais, e o Futebol B2/B3, para baixa visão (REIS; MEZZADRI, 2017). Para saber em qual modalidade pode-se jogar, no Futebol para deficientes visuais também segue a premissa da classificação funcional.

São ao todo três categorias de classes para o deficiente visual: B1, B2 e B3. O “B” significa *blind*, cego em inglês. Os atletas são submetidos a avaliações oftalmológicas. As avaliações averiguam a funcionalidade do sentido visual nos atletas e devem considerar ambos os olhos, com a melhor correção. Caso o jogador faça uso de lentes corretivas (óculos e/ou lentes de contato) devem realizar a classificação com elas, ainda que não as utilizem durante a partida (REIS; MACEDO; MOREIRA, 2020).

Após o processo de classificação ser concluído e a aferição da função visual de cada atleta realizado, ele é classificado em uma das três classes: B1, B2 e B3, sendo B1 de maior comprometimento (cego); o B2 com baixa visão, mas de comprometimento intermediário; e, o B3, também com baixa visão, de menor comprometimento (REIS; MACEDO; MOREIRA, 2020).

O Atleta da classe B1 participa do Futebol de 5 e os jogadores usam as vendas e as bolas têm pequenos sinos dentro, e, para competir no futebol de baixa visão, o atleta tem que se encaixar nas classes B2 e/ou B3, modalidade que segue as regras muito similar ao futsal convencional. Apenas com algumas variações na regra, como o goleiro que não pode sair de sua área, pois é evidente - pessoa sem deficiência visual (REIS; MEZZADRI, 2017).

A adaptação para essa classe, em relação ao Footgolf, é a permissão para utilizar um guia vidente como dupla, que tem uma função muito similar a de um *Caddie*¹, porém, com mais liberdade na orientação das jogadas, podendo inclusive ficar na direção do buraco, função essa que o *Caddie* não pode realizar no Golfe e Footgolf, além de auxiliar na demarcação da bola e as anotações referentes aos chutes.

A utilização de guias nas modalidades onde os deficientes visuais participam são comuns e, em muitos casos, obrigatório, como, por exemplo, nas provas de atletismo, nas quais os atletas correm lado a lado com alguma pessoa que tenha a visão preservada para poder guiá-lo durante a prova. Essa é a única adaptação a regra do Footgolf convencional, uma vez que até mesmo os chutes iniciais são efetuados das mesmas saídas da Categoria Livre Masculino.

Classe FG2 - Deficiência Física: Amputação

Essa segunda classe é destinada a pessoas com amputação de um dos membros inferiores, ou seja, para poder jogar, o atleta deve ter uma perna poder efetuar o chute. Assim como na classe anterior, também utilizaremos o exemplo do futebol para nos ajudar, neste caso, a referência é o futebol para amputados.

Futebol para amputados é uma variação do futebol convencional e é praticado por pessoas com amputação em membros inferiores, para os jogadores de linha e membros superiores para os goleiros. Apesar de não ser amplamente veiculado na mídia, o futebol para amputados é praticado atualmente em 29 países, inclusive no Brasil (SIMIM; DA SILVA; DA MOTA, 2015; REIS; MEZZADRI, 2017). Os jogadores de campo utilizam muletas do tipo canadense para se deslocar. Essas muletas são utilizadas bilateralmente e possibilitam atividades como correr e auxiliar no equilíbrio durante o chute, passar ou driblar (SIMIM; DA SILVA; DA MOTA, 2015).

Assim como no futebol, na adaptação para o footgolf, os atletas devem usar as muletas canadenses para se apoiar, locomover-se e efetuar os chutes. As saídas utilizadas são as mesmas das jogadoras femininas da categoria livre do Footgolf convencional, que como já foi dito, saem a frente da categoria livre dos homens, tendo uma menor distância com relação ao buraco.

Outra característica do futebol de amputados é que o lateral pode ser cobrado com os pés, para que o jogador não precise se abaixar para pegar a bola e jogar com as mãos, como é feito no futebol convencional, uma vez que isso pode causar desconforto e desequilíbrio, podendo acarretar em alguma queda, por exemplo.

Para o Footgolf, no momento de demarcação da bola, quando ela precisa ser retirada por solicitação ou por estar no *Green*, quando naturalmente é colocado

¹ Pessoa que acompanha o atleta durante uma partida, podendo auxiliar com materiais e orientações (FIFG, 2019).

primeiramente o marcador, e retirada a bola com as duas mãos, neste caso, poderão soltar o marcador no chão, posicionar com os pés, e retirar a bola com os pés também, ou, caso tenham pessoas acompanhando, podem auxiliar nesse processo.

Classe FG3 - Deficiência Física: Paralisia cerebral

A terceira classe ainda terá como foco a deficiência física, porém, destinada a pessoas com paralisia cerebral, além de jogadores com essa deficiência, atletas que tenham sequelas de traumatismos crânioencefálico ou de acidentes vasculares cerebrais também podem participar. A paralisia cerebral é resultante de dano às áreas do cérebro responsáveis pelo controle motor. É um problema não progressivo que pode ter origem antes, durante ou logo após o nascimento e se manifesta na perda ou no comprometimento do controle sobre a musculatura voluntária (NOGUEIRA, 2008).

A classificação funcional para o paralisado cerebral se divide em três momentos. O painel de classificação é formado por um médico, de preferência neurologista ou fisiatra com experiência no esporte, com o objetivo de diagnosticar a paralisia cerebral, através de testes neurológicos; um fisioterapeuta ou terapeuta ocupacional, especialista em paralisia cerebral e com conhecimento em esporte, com a responsabilidade de mapear a paralisia cerebral no corpo e verificar força muscular, equilíbrio, coordenação e amplitude articular; e um técnico esportivo, preferencialmente da área da Educação Física, responsável pela análise mecânica funcional do gesto esportivo (NOGUEIRA, 2008).

Durante o processo de classificação, os responsáveis buscam encontrar, no atleta com paralisia cerebral, uma funcionabilidade capaz de agrupá-lo em uma classe funcional. Algumas das modalidades que eles participam são: bocha, ciclismo, natação, atletismo e futebol, nessas duas últimas, o atleta não faz uso de nenhum auxílio para competir (NOGUEIRA, 2008).

Para participar dessa classe, é fundamental que a pessoa, mesmo com todo seu comprometimento, consiga deambular, correr e chutar sem a necessidade de algum tipo de apoio ou suporte, independente de qual parte do corpo é mais ou menos afetada pela paralisia ou outros comprometimentos característicos da deficiência. A saída desse grupo acontece nas mesmas distâncias estabelecidas para as mulheres em competições.

Classe FG4 - Deficiência Intelectual

A classe destinada para deficientes intelectuais é a que exigiu um maior cuidado no momento de adaptação, devido, principalmente, ao fato de ser uma deficiência que engloba muitas características e especificidade.

Para um atleta ser legível para competições, ele deve apresentar um QI abaixo de 75. Para comprovar isso, existem dois testes psicológicos conhecidos como *Wisc* e *Wais*¹. No Brasil, a Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Intelectuais (ABDEM) é a responsável por administrar todos os esportes destinados a esse público. Além disso, é quem recebe as documentações necessárias para comprovar a elegibilidade desses atletas, enviando ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para poder participar das modalidades paralímpicas².

Portanto, para o atleta poder jogar o Footgolf Adaptado e fazer parte dessa classe, precisa realizar os testes e comprovar sua deficiência. A deficiência intelectual engloba uma infinidade de síndromes (como a síndrome de Down e Asperger), além de ser no geral, caracterizado por um atraso cognitivo, o que caracteriza um QI baixo da média, com laudo realizado antes dos 18 anos (VELTRONE; MENDES, 2011).

A adaptação para essa classe precisou levar em consideração vários elementos, desde o fato da limitação físico-motora, causados pelo atraso cognitivo, até a dificuldade na compreensão de regras básicas. Para auxiliar nesse processo, encontramos uma adaptação do Golfe, criada no Brasil, para pessoas com deficiência intelectual.

O Golf-7 surgiu em 2005, e é uma adaptação do golfe convencional. Foi criado com o intuito de promover a prática esportiva e educacional para os alunos com necessidades educacionais especiais, principalmente nas Escolas de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial, tendo como um dos focos, pessoas com Transtorno do Espectro Autista, nas escolas especiais de Curitiba/PR (VIEIRA JUNIOR *et al.*, 2015).

O Golf-7 tem esse nome devido à quantidade de buracos que o jogador deve executar para completar o jogo, além da distância entre um buraco e outro ter sete metros. O jogo se inicia no “fee” (espaço delimitado para saída do jogo), colocando a bola no “tee”. O jogo pode ser realizado de duas formas: por buraco ou tacada. Na partida por buraco, os jogadores iniciam juntos, vencendo o buraco quem primeiramente embocar a bola, assim sucessivamente, o vencedor do jogo é quem realizar o maior número de buraco. No formato por tacada, é jogado preferencialmente com quatro atletas, sendo que cada jogador deverá rebater a bola alternadamente, até embocar a bola no buraco com menor número de tacadas (VIEIRA JUNIOR *et al.*, 2015).

Portanto, para essa categoria, adotaram-se esses dois formatos de competição trazidos pela modalidade Golf-7. O formato conhecido como “tacada” no Golf-7 se assemelha ao formato convencional utilizado no Footgolf, sendo que os jogadores saem em grupos e se alternam para finalizar, contando a quantidade de chutes realizados ao final dos nove buracos, para saber quem é o vencedor.

1 Teste psicológico aplicado para aferição do nível de inteligência (NASCIMENTO; FLORES-MENDOZA, 2007).

2 Os deficientes intelectuais participam, em Jogos Paralímpicos, apenas das modalidades natação, atletismo e tênis de mesa (REIS, 2014).

Já o formato “Buraco”, os jogadores devem conduzir a bola com os pés e tentar empurrá-la no buraco antes dos demais. A adaptação para esse formato fica por conta da quantidade de vezes que venceu sua rodada, ou seja, após encerrar o primeiro buraco, cria-se um ranking de pontuação, de acordo com a posição que ficou ao finalizar o buraco, assim sucessivamente até encerrar os 9 buracos.

Nos dois formatos, os atletas utilizam as saídas da categoria feminina do Footgolf convencional e todos os jogadores devem ter auxílio durante as partidas para assinalarem os cartões de jogo e seguir as regras e normas de etiqueta.

Classe FG5 - Deficiência Auditiva

Diferentemente das outras modalidades, não existem classificações ou restrições para poder participar dos esportes para surdos, exceto a exigência de que tenha perda auditiva de pelo menos 55 decibéis no melhor ouvido (REIS; MEZZADRI, 2017). O deficiente auditivo não participa de nenhuma competição paralímpica, ou seja, os surdos não participam dos Jogos Paralímpicos. Isso não os impediram de criar sua própria competição internacional, hoje conhecidas como Surdolimpíadas.

No Brasil, o esporte para surdos é regido pela Confederação Brasileira de Desporto para Surdos (CBDS). Ela tem como função administrar e organizar todos os eventos nacionais das diversas modalidades, além de dar o apoio para eventos regionais e estaduais, bem como a montagem das seleções nacionais e dar o suporte necessários para viagens e competições (CBDS, 2019; CRUZ JUNIOR; VALVERDE, 2019)

Para as modalidades esportivas praticadas por surdos, existe apenas uma adaptação à regra, porém, de fundamental importância para o andamento das competições. Os árbitros devem substituir todo e qualquer dispositivo auditivo (como apitos) por dispositivos visuais, como o uso de bandeiras, ou qualquer material, que possam ser vistas pelo atleta. Seja para modalidades individuais, como atletismo e natação, como para modalidades coletivas, como futsal e futebol.

Essa categoria é que demanda menos adaptações à regra convencional, uma vez que não apresentam nenhuma limitação física ou cognitiva, seguem as mesmas regras aplicadas à categoria livre masculino do convencional, inclusive utilizando-se da mesma saída. Apenas recomenda-se, um interprete de libras durante as competições para que possa facilitar a comunicação. Como no Footgolf também não existe arbitragem, e o jogo é pausado, não existe a necessidade de utilização de nenhuma sinalização visual específica ou adaptada da regra convencional.

4 Conclusão

A Associação Brasileira de Footgolf buscou em várias modalidades paradesportivas inspiração para criar a adaptação do esporte. O Footgolf se provou um esporte inclusivo, não só por permitir que crianças, jovens, adultos e idosos possam praticar e competir na modalidade, como permite a inclusão de pessoas que apresentam as mais diferentes deficiências.

Comum a todas as classes criadas, e conseqüentemente aos seus competidores, é a compreensão em relação à duração de uma competição, tempo que o jogador leva para realizar um chute, auxílio na demarcação das bolas e na anotação dos cartões de jogo. Também se adaptou, para todas as categorias, a quantidade de buracos realizados por etapa, sendo sempre a metade do estabelecido em regras, no caso de uma competição oficial, onde são jogados 18 buracos, os atletas do Footgolf adaptado participaram de nove buracos.

O Footgolf é um esporte recente, ainda está se desenvolvendo ao redor do mundo e buscando reconhecimento e uma maior profissionalização. Acreditamos que, ao criar a adaptação para pessoas com deficiência desse esporte, podemos contribuir para o desenvolvimento de ambos, do Footgolf convencional e adaptado. O processo de adaptação de uma modalidade para pessoas com deficiência não é simples e demorado, no sentido de padronizar suas regras em vários países e continentes.

Ao criar essa modalidade, a ABFG não teve a pretensão de definir as regras e as classes de forma definitiva, esse é o momento de organizar eventos esportivos (torneios e campeonatos) para que o Footgolf Adaptado seja cada vez mais jogado, analisado, e aperfeiçoado, e continue se desenvolvendo e buscando o alinhamento necessário para que a prática esportiva seja cada vez mais adequada.

Referências

ABFG. Federação Brasileira e Footgolf. Disponível em: <http://abfgfootgolfcom.br>. Acesso em: 18 mar. 2019.

ARAÚJO, P. F. Desporto adaptado no Brasil. São Paulo: Phorte, 2011.

ARAÚJO, P. F. Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BRITO, A.P.; MAGALHÃES, C.; SANTOS, A. Footgolf, uma nova modalidade. *EFDportes, Revista Digital*, v. 18, n. 181. Buenos Aires, 2013.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. A classificação funcional no esporte paralímpico. *Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde*, v. 12, n. 2, p. 132-146, 2014.

CBDS - *Confederação Brasileira de Esportes de Surdos*, 2019. Disponível em: <https://site.cbds.org.br/>. Acesso em: 20 out. 2019.

- CRUZ JUNIOR, E. R.; VALVERDE, C. Sinalética para deficientes auditivos no futsal. *Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino*, v. 3, n. 2, p. 55-84, 2019.
- FIFG. Federação Internacional de Footgolf. 2020. Disponível em: <http://www.fifg.org>. Acesso em: 20 out. 2019.
- GARDENE, B. *Footgolf for Beginners: Techniques, tips, and strategies to play footgolf like a pro*. Estados Unidos, 2017.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.
- NASCIMENTO, E.; FLORES-MENDOZA, C. E. WISC-III e WAIS-III na avaliação da inteligência de cegos. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 3, p. 627-633, 2007.
- NOGUEIRA, C. D. O sistema de classificação funcional para atletas portadores de paralisia cerebral. *Novos Enfoques*, v. 6, n. 6, p. 1-9, 2008.
- REIS, R. E. Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- REIS, R. E. Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 19, n. 2, p. 428-428, 2016.
- REIS, R. E.; MACEDO, A.; MOREIRA, P. R. Futebol para pessoas com baixa visão: o desenvolvimento do Futebol B2/B3 no Brasil. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 2020.
- REIS, R. E.; MEZZADRI, F. M. Futebol para pessoas com deficiência e suas adaptações no país do Futebol. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 9, n. 35, p. 361-368, 2017.
- SHERILL, C. *Adapted physical activity, recreation, and Sport: crossdisciplinary and lifespan*. 6. ed. Boston: Mc Graw-Hill, c2004.
- SIMIM, M. A. de M.; DA SILVA, B. V. C.; DA MOTA, G. R. Futebol para amputados: aspectos técnicos, táticos e diretrizes para o treinamento. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 7, n. 25, p. 246-254, 2015.
- VELTRONE, A. A.; MENDES, E. G. Descrição das propostas do Ministério da Educação na avaliação da deficiência intelectual. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 413-421, 2011.
- VIEIRA JUNIOR, R. *et al.* Golf-7: a inclusão por meio do esporte. In: EDUCER - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, São Paulo. *Anais...*, São Paulo, EDUCERE, 2015, p.35368-35375.
- WINCKLER, C.; MELLO, M. T. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.
- WINNICK, P.J. *Adapted physical and sport*. Champaign: Human Kinects, 1990.

Notas sobre os autores:

Rafael Estevam Reis
Universidade Federal do Paraná
rafael_e_reis@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6204-4151>

Vinicius Bernardo Stdrezk
Footgolf Campo Largo
challenge.vine@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5713-3942>

Paulo Roberto Moreira
Unicesumar
paulo.moreira@unicesumar.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5681-1887>

Recebido em: 27/04/2020
Reformulado em: 17/06/2020
Aceito em: 21/06/2020